

PUBLICAÇÃO QUINZENAL,
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

ANO III

LISBOA, 5 DE MARÇO DE 1919

N.º 65

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO

ANO 1919 ESTRANGEIRO
SEMESTRE 570 ANO 3400
NUMERO AVULSO 6 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoaria) TEL. 2337-C. — LISBOA

PROPAGANDA DE PORTUGAL

OS POSTOS D'INFORMAÇÃO

A propaganda é a vida—disse-o já alguém.

E' bem certo. Se inclusivamente, para a nossa propria vida, para das nossas situações, dos nossos conhecimentos e do nosso prestimo, tirarmos algum proveito, somos obrigados a directa ou indirectamente, fazer propaganda; se, para o desenvolvimento do nosso commercio e para o progresso da nossa industria, torna-se mesmo indispensavel esse meio d'acção; indiscutível é, pois, que, para que o nosso paiz seja conhecido lá fóra, é absolutamente preciso, inadiavel mesmo, que das suas belezas naturaes e originaes, que das suas condições de vida e de todas as circunstancias que n'ele concorrem e que o tornam naturalmente indicado para a vilegiatura ou para a estadia nas suas diversas estancias, se faça o maior reclame no estrangeiro, cantando as suas belezas, apregoando todos os atractivos que oferece e que possam induzir o turista a visital-o.

Assim se reconheceu já. E o que n'esse sentido a Repartição de Turismo e a Sociedade de Propaganda tem feito, alguma coisa representaria realmente se não tivéssemos a lutar com uma enorme concorrência em que tanto a Suíça, como a França e a Itália, se degladiam n'uma guerra de absorção de turistas.

Ha, ainda, a juntar a estas tres nações, uma outra: a Belgica, que dentro em pouco se lançará tambem n'essa luta, para que da industria do turismo ela possa tirar os proventos necessarios á reconstituição da sua situação economica.

Não resta, pois, a menor duvida de

que ha de ser exclusivamente pela propaganda que o turismo em Portugal se ha de manifestar, desenvolver e atingir a phase de considerarmos essa prodigiosa industria como factor indispensavel á nossa vida.

Essa propaganda tem de ser, porém, criteriosamente dirigida, para que d'ela se possam colher resultados positivos. Assim, na sua orientação, deve muito especialmente atender-se ao campo em que ela deva exercer-se, a fim de que esses resultados facilmente se manifestem.

Devemos, pois, considerar o nosso paiz como um produto que se torna necessario colocar nos mercados estrangeiros; e d'esta fórma a primeira condição a atender é justamente a dos mercados onde com facilidade a propaganda pode produzir beneficos efeitos.

Assim se faz, tanto no commercio como na industria; porque, se não se estudarem previamente as condições das diversas praças estrangeiras; se não se procurarem cautelosamente aquelas em que o artigo ou o producto possa entrar sem peias e ser recebido com agrado; e se, pelo contrario, se fizer uma propaganda á tóa, sem orientação nem criterio, ter-se-ha como resultado, de duas uma: ou dificuldade em colocar a mercadoria, ou, simplesmente, a titulo de experiencia, conseguir-se que ela seja aceite, mas a troco das mais desvantajosas condições. N'este ultimo caso, succede sempre, pela incompetencia dos productos similares apresentados pelo estrangeiro e ainda por um natural retrahimento, ser-se obrigado a abandonar essa praça.

E se outras forem tentadas em cir-

cunstancias identicas, o resultado é positivamente o mesmo.

E' bom ter sempre em vista que só os productos absolutamente originaes conseguem obter uma colocação relativamente facil e, a maior parte das vezes, a simples titulo de ensaio.



Ora, estas considerações amoldam-se perfeitamente bem ao fim principal do nosso pensamento, que desejamos concretisar n'este artigo, o qual é a defesa da propaganda intensiva do nosso Paiz no estrangeiro precisamente n'este momento, que consideramos o mais oportuno para semear-se a frondosa arvore do turismo e d'ela saborearmos depois a sua protectora sombra.

Preciso se torna, para isso, escolher-se o terreno que melhor se proporcione ao seu desenvolvimento.

Ora, estando já, por assim dizer, protegidos os interesses que Portugal possa vir a disfructar pela propaganda na Europa, por meio da acção dos *bureaux de renseignements* que a Sociedade Propaganda tem feito estabelecer já, no cumprimento da sua muito patriótica missão, em algumas cidades da França, parece-nos que dadas as condições em que se acha o nosso paiz, principalmente a que se refere á sua situação geografica—a continuidade d'essa propaganda deverá ser dirigida sobre as Americas, especialmente na do sul.

Desnecessario se torna, certamente, salientar os factores que nos induzem á essa indicação, por serem demasiadamente claros á vista. Todavia, não podemos deixar de frisar o facto do porto de Lisboa ser, por assim dizer, a porta d'entrada para a Europa, dos estrangeiros vindos do sul; e esse é, a nosso vêr, bastante para—só por si—constituir base sufficiente para se orientar o seguimento da nossa pro-

paganda no estrangeiro, e certos estamos de que, se ela fôr criteriosamente dirigida, ha de produzir o efeito desejado.

Para isso, porém, não basta apenas um recurso, mas todos de que possamos dispôr, ainda mesmo aqueles que nos custem os mais peizados sacrificios.

A ação dos postos de informações é muito proveitosa; mas para que ela produza ainda mais resultados, é necessario que seja simultaneamente acompanhada da pratica de outros meios que só pessoas reconhecidamente habeis e com qualidades especiaes, entre as quaes não se poderá prescindir o seu perfeito conhecimento dos assumptos que se referem ao turismo, podem cabalmente exercer.

O estabelecimento de postos d'informações no Rio de Janeiro, S. Paulo, Rio Grande do Sul, e em outras cidades do Brasil, assim como na Argentina, Montevideu, Chili e demais paizes sul-americanos, como tambem na America do Norte, impõe-se como uma necessidade urgente, para não deixarmos o campo livre á ação de propaganda já esboçada pelas outras nações que hão de ser as nossas mais terribes competidoras na industria do turismo; e justamente por este facto é que o estabelecimento d'esses postos d'informação tem de ter por complemento directo e immediato todos os recursos que a propaganda pode admitir para que do conjunto d'essa bem combinada ação surtam os efeitos que legitimamente ha a esperar.

Mas isto tem de fazer-se emquanto é tempo, para se não perder a oportunidade que é absolutamente unica e que será sabida e praticamente aproveitada pelos nossos competidores, se d'ela não soubermos usar.

Se a desprezarmos e se nos ficarmos no eterno «amanhã», muito nosso característico—então... mais vale não se pensar em turismo.

DR. J. ISIDRO DOS REIS

HONRA hoje, pela primeira vez, as columnas d'esta Revista, o ilustre caudico sr. dr. J. Isidro dos Reis. que no fôro portuguez, como no nosso meo intellectual, goza um lugar de merecido destaque.

Aborda, o laureado escriptor, no seu interessante artigo, um assumpto que bem merece da atenção das pessoas que se dedicam ás questões de turismo em Portugal; e dada a indole especial da nossa Revista, ela não podia deixar de acolhel-o com o maior entusiasmo e dar-lhe a publicação que o caso requer, levando-o assim ao conhecimento das instancias competentes.

A falta de continuidade

administrativa e o Turismo

A falta do espirito de sequencia de que enferma a nossa legislação e que tão frequentemente se faz sentir no ambito da nossa vida economica e financeira, attinge, tambem, como é natural, visto que do mal sofre todo o organismo da nação, o principio do turismo. Efectivamente, não é phenomeno isolado, mas antes de observação repetida que as leis destinadas a regular as mais frequentes e antigas manifestações de vida são ou pouco harmonicas ou até contradictorias, com prejuizo de todos e dificuldade para os que tem de applica-las.

Principalmente se nota porém tal defeito quando as leis tem por fim regular situações novas, sendo pelas revistas da especialidade apontadas as contradicções e imperfeições da obra legislativa que em todos os paizes surgiu e se multiplicou pelo facto da guerra internacional.

Entre nós o mal é velho, notando-se-lhe os efeitos não só durante como anteriormente ao estado de guerra e relativamente a factos que a ele dizem ou não respeito ou a situações e principios de ha muito integrados na nossa vida ou novos para ella como o turismo.

Parece-nos não errar attribuindo a causa á instabilidade das situações ministeriaes no nosso paiz. De facto, sendo curta a permanencia dos ministros no exercicio de suas funções, mal se comprehende que possam conceber e executar devidamente determinadas reformas. E sendo, aliás, postas em pratica, não tarda que sejam substituidas ou alteradas no seu espirito por outro reformador com politica ou orientação diversa.

Para nos não afastarmos da indole d'esta Revista, indicaremos dois factos com ella relacionados e que são significativos.

Os Decretos de 24 de Dezembro de 1901 instituiram entre nós o regimen florestal. E' um conjuncto de disposições que atribuem certas regalias aos proprietarios de terrenos incultos que os reduzam a floresta. O estado propunha-se fornecer sementes e arvores dos seus viveiros concedendo outras vantagens. Tal lei, sympathica nos seus intuitos, afigurou-se eficaz. Não poucos proprietarios se aproveitaram de tal concessão, sujeitando as suas terras ao regimen respectivo. A economia e a beleza do paiz muito tinham a esperar da persistencia de disposi-

ções semelhantes que iriam progressivamente modificando o aspecto arido e desolado de tão vastas e estereis regiões do paiz. Decorridos alguns anos e quando tal medida ainda não produzira os seus esperados fructos, outra providencia legislativa veio desconcertar e alarmar os proprietarios portuguezes. Referimo-nos á lei de 12 de julho de 1918. Veiu esta, que apenas atendera ao efeito fiscal, tributaria pela primeira vez e por contribuição sumptuaria os parques e os jardins. Referindo-nos só áqueles de maior vastidão e alcance para o nosso caso, temos pois que se até ha pouco tinhamos uma legislação que, embora deficiente, fomentava de certo modo a arborisação e digamos tambem o aformoseamento do paiz, temos agora outra que obriga os proprietarios que tenham jardins ou parques ao pagamento de um centavo por cada metro quadrado. Embora pareça uma contribuição suave, não o é, atendendo a que não carece um parque de ser muito extenso para representar alguns milhares de metros quadrados. Portanto, embora não seja esse o fim do legislador, é certo que o resultado de tal medida será, como em circumstancias identicas tem acontecido, levar á destruição os parques que, não produzindo em regra qualquer receita, passam a representar um maior encargo para os seus donos.

Mas outro aspecto tem ainda o assumpto e esse ainda é mais pertinente a esta Revista. O decreto de 2 de Dezembro de 1914 teve por fim estimular a construcção de grandes hotéis «que ofereçam ao turismo abastado o conforto que exige e encontra nas estancias do estrangeiro, considerando que a industria do turismo prodigalisa diversas vantagens aos paizes que o sabem aproveitar» e reconhecendo tambem que «o movimento turistico virá produzir notavel melhoria em todas as manifestações economicas e financeiras da vida nacional, pois que elle trará pingues lucros...»

Para tal fim, estabelece o Decreto a isenção de varios impostos desde que sejam satisfeitas varias condições entre as quaes, a 3.ª que diz:

«Nos hotéis de praias e thermas e de quaesquer outras estações de vilegiatura, haverá, contiguo aos hotéis, um espaço livre de construcção, tendo pelo menos uma superficie de 800 metros quadrados, o qual será ou ajar-

dinado ou arborizado, e conservado em bom estado, ficando reservado para uso dos hospedes.»

Temos pois que o legislador n'aquella Decreto entendeu e muito bem que, tanto para elegancia dos bons hoteis quer para beneficio do turismo e portanto do paiz, indispensavel era promover a arborisação que exigia até como condição dos privilegios, n'um minimo de 800 metros quadrados de terreno.

Contradictoria e prejudicialmente veiu pois o Decreto, que referimos, de 12 de Julho passado, tributar esses terrenos arborizados, embora sejam pertença de Hoteis, visto que nenhum artigo do Decreto de 1914 isempta estes de contribuição sumptuaria.

Só este facto mostraria indubitavelmente que por sua vez, tambem o turismo enferma da falta de continuidade legislativa e do espirito de sequencia do legislador, que d'uma maneira geral vimos observando.

Mas ainda não é tudo.

O citado decreto de 12 de Julho de 1918 que, como notámos, veiu tributar os parques e os jardins, fixou por metro quadrado e como taxa maxima a quantia de um centavo a aplicar em Lisboa ou Porto e *nas terras de turismo* de primeira e segunda classes.

N'a qualquer outro ponto do paiz, terras de terceira ordem ou qualquer outra, os contribuintes pagarão por cada metro quadrado dos seus jardins ou parques, meio centavo ou até um milavo; mas desde que se trate de terras de turismo, applica-se a taxa maxima.

N'aquella data, ainda de qualquer lei não constava quaes ou o que fossem as terras de turismo.

Na imprensa periodica é que tempos antes fôra alvitrada a constituição de zonas de turismo para o fim de regulamentar o jogo, concedendo os respectivos privilegios e determinando a forma das concessões. Porém nenhuma lei foi promulgada tendo como fim a regulamentação do jogo e só como n'uma das suas bases se falára, repetimos, em zonas de turismo.

De forma que, publicada aquella lei que para efeitos fiscaes tratava menos favoravelmente as terras de turismo, não podia ser applicada sem que uma outra posterior viesse dizer em que elas consistiam.

Mezes depois, a 14 de Setembro, um Decreto foi publicado com o fim de dar execução aquel'outro, que criara o imposto, dispondo quaes ficavam sendo as terras de turismo tanto de primeira como de segunda classes.

Na primeira classe, ficam compre-

hendidas o Bussaco, Cascaes, Estoril, Cintra, etc., e na segunda Algés, Belas, Vidago e outras localidades conhecidas e de importancia aproximada.

Temos pois que no nosso paiz as terras de turismo foram estabelecidas para efeitos fiscaes e não para lhes ser dispensado tratamento de favor, mas pelo contrario, para sobrecarregal-as.

Abstemo-nos de reproduzir quanto dissémos e de tudo resalta, para

mostrar que o turismo é victima tambem da inconsequencia legislativa se não até de seus propositos aggressivos.

E como em Portugal, elle não trouxe ainda vantagens a ninguem e já serve de pretexto para contribuições ou encargos, não admira que o povo proprietario, na sua logica simplista, vá de dizer: «antes não houvera turismo»...

J. ISIDRO DOS REIS.
Advogado em Lisboa

CARTAS DE PARIS

IMPRESSÕES DE VIAGEM

Falta de comodidades — Hoteis baratos — O progresso de Madrid,

ESCREVO de Paris, ainda sob a impressão terrivel da viagem! Oh! viajar! Sagrada phrase de outros tempos. Quem se aventura, hoje, a uma viagem?! Dizem que em breve será restabelecido o rapido Lisboa-Madrid, e um outro entre Lisboa-Paris, por Salamanca; mas enquanto esses comboios não são postos em circulação, que suplicio, que estropiação de nervos nos traz ao pobre organismo uma viagem semelhante á que fiz!

Sahi de Lisboa, por uma manhã de sabado. Chovia. Cahia uma chuva mole e enervante que ainda me não abandonou. Talvez para avivar as minhas saudades...

A viagem até a fronteira, com pacientes demoras nas estações e, ainda, com um impaciente desconforto, arrefeceu esse prazer que o inicio d'uma viagem sonhada nos traz, conduzindo-nos, ao mesmo tempo, a esperanca d'uma breve felicidade.

Ceguei a Torre das Vargens sob o mesmo ambiente espirital. D'ahi a Marvão, a paisagem pareceu-me mais triste ainda. As nuvens carregadas tornaram-se em mais pesados fardos de desalento. A Serra da Penha, d'onde parece querer esvoaçar, como uma pomba mansa, a risonha vila de Castelo de Vide, aparecia envolta n'um manto plumbeo, que mais pesado fazia o horizonte.

Chegámos a Valencia. O atraso do comboio era já grande, talvez uma hora; mas a Companhia de Madrid-Caceres recebia-nos com aquella fidalguia hespanhola, tão peculiar aos seus velhos costumes; e, assim, fez anunciar que o comboio esperaria apenas quarenta minutos, isto é-o tempo sufficiente para jantarmos.

Um empregado da alfandega subiu então á carruagem, e atencioso e distincto, solicitou os passaportes, indagando se algum passageiro levava tabaco.

Cumprida assim a sua missão, retirou-se satisfeito.

Fui jantar.

No restaurante o ambiente era morno. Sobre as mesas esperava já a sopa, rescendente e apetitosa. O jantar foi lento e copiosamente servido de anho, frangão e doces. Uma garrafa de Amontilhado veio fazer as honras vinhateiras de Hespanha; e quatro petas satisfizeram amplamente o estalajadeiro.



Partimos. A carruagem com os seus estores descidos e os seus estofos de verde salsa, recebiam a luz de uma lampada electrica que se espargia focadamente atravez de um vidro de côr, convidando a um repouso prolongado.

Um hespanhol rabujento, que já descumpuzera o criado do restaurante por não lhe dar um aniz afinado ao seu paladar, duas senhoras portuguezas e eu, eramos os unicos locatarios d'aquella vasta carruagem de corredor lateral, que o aquecimento central começava a amornar. Augmentei a luz e passei ao compartimento das duas senhoras, que me receberam um tanto constrangidas, supondo-me um importuno viajante catalão, que viria ali, naturalmente, semear ideias separatistas; mas a doce lingua de Portugal, tão grata em terras estranhas, fez desabrochar um sorriso franco á mais nova das companheiras d'aquella má noite de viagem, que um vento cortante, zurzindo nas frestas das janelas, tornava mais tenebrosa ainda.

Bem sympathicas qualquer d'elas. Trocámos impressões, e assim vim a saber que se dirigiam a Paris, com

demora talvez, o que ainda não sabiam bem.

A mais velha, senhora dos seus... —a idade para quê? (ela disse-o, mas isso não m'autorisa a repetil-o. deixava antevêr no olhar um desengano... ou a soma de muitas desilusões. Fôra rica? Fôra feliz?

Ambas as coisas, ou nenhuma d'elas. A outra, tinha dezoito anos apenas. O seu olhar era frio, mas quando lhe falava no doce céu de Portugal, no nosso sol tão amigo, espreguiçava um sorriso largo, abrindo uma esperança nos seus grandes olhos escuros. A vida ás vezes tem d'estas rajadas de luz. Um dia mais feliz, uma esperança que nasce, uma desilusão que sucumbe... são outros tantos lampejos na vida soturna dos... espiritos.



Chegámos a Madrid. Para que descrever a viagem desde que o sol nos deu os bons dias? E' tão banal a paisagem é tão cheia de desinteresse que não merece uma atenção especial. Campos atapetados do trigo a nascer; pequenas vilas, aninhadas em torno da catedral, alta e sinistramente negra, onde um sino badalava a hora da missa. Mais nada.

A chegada a Madrid foi para nós de uma delicada surpresa—já o sabíamos, é certo, mas não nos recordávamos—pela falta de revisão alfandegaria á nossa bagagem. E' que na capital hespanhola não ha imposto de consumo. Feliz gente e agradável impressão que se dá ao turista.

O meio mais facil do viajante sahir da estação para o hotel, é tomar um trem de praça, a que um unico cavallo dá tracção e que marcha pelas ruas da «Vila Coronada» com uma pachorra de quem não tem pressa de chegar.

Tomei um d'eles e convidei as minhas duas companheiras de viagem a acompanharem-me para a Fonda. As nossas malas encheram essa traquitana. Depois do cocheiro, com vagares enervantes, ter composto as guias, ageitou a capa e acendeu o cachimbo. Seguimos então.

Chegámos ao hotel, tendo gasto uma boa meia hora no suave rolar da carripa. O cocheiro pediu, apenas, por tão *largo* serviço, cinco pesetas. Explicou o digno e honrado homem que a tabela marcava só duas pesetas; mas a vastidão das nossas maletas tinham encarecido sensivelmente o frete.

Ah! *nuestros hermanos*.

Repare-se, agora, quanto custaria este serviço em Lisboa: dois ou tres mil réis, uma larga gorgeta e... uma descompostura do cocheiro.



O hotel estava cheio. Mas para nós,

casualmente—que felicidade!—arranjaram-se dois quartos. O dono da «Fonda» veio apresentar as suas homenagens e pedir desculpa do hotel estar, assim, a abarrotar. D. Francisco, porém, garantiu que para nós haveria sempre *en sua casa una habitación*, e que cederia a sua, se tanto fosse preciso.

E' o *Hotel Montoya*, onde estivemos. Vale bem a referencia aqui feita, porque jámais o encarecimento da vida fez elevar o seu preço mais do que uma peseta em cada quarto; e assim de 7 a 19 pesetas, tem-se ali, um pequeno almoço rasoavel, um almoço de tres pratos, vinho, sobremesa, queijo, etc., e jantar com a mesma largueza.

Tomado o indispensavel banho e engraxados os sapatos, fui vêr a cidade que ha tres anos não visitava. Devo pôrem, acrescentar que tenho uma certa simpathia por Madrid, pela sua vida, pela sua tranquillidade.

Nada, todavia, de moderno se me deparou. Apenas a *Gran-Via* encontréi acabada d'uma grande parte e vi já funcionar o serviço dos correios no novo edificio, que tem alastrada a sua vastissima fachada para o Paseo del

Prado e para a Calle d'Alcalá, constituindo quasi um bairro!

As amplas edificações do Banco de Hespanha e do Banco do Rio da Prata, ficaram, ante a Casa do Correio, n'uma situação manifestamente subalterna. No grandioso edificio, para cujo atrio se entra por tres largas portas de rodizio central, estão instalados todos os serviços dependentes do correio.

No atrio, que é mais alto do que a abobada dos Jeronymos e maior do que o grande patamar da estação do Rocio, encontram-se os serviços dos Correios, Telegraphos e Telephones, tendo estes comunicação directa com toda a Hespanha. As columnas que sustentam o teto e os balcões em fórma de camarotes de theatros, onde estão instaladas as varias repartições, são todás em marmore azulado, produzindo uma magestade e uma grandeza de linhas de efeito superior.

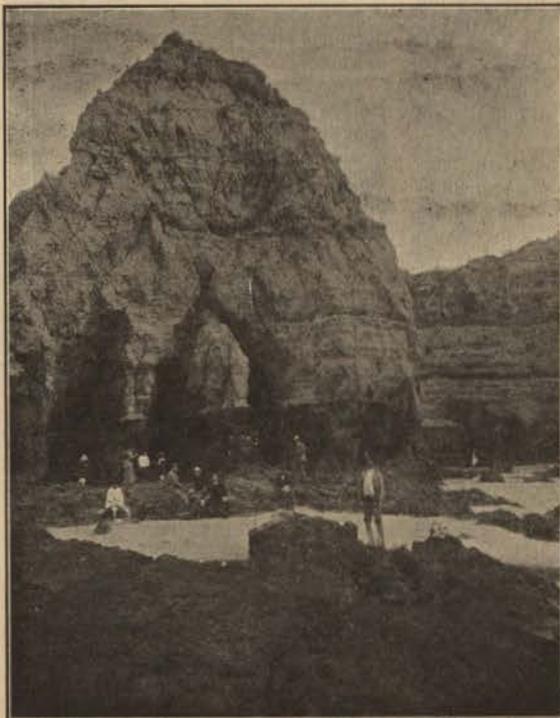
Atenciosos e correctos são os empregados, que, irrepreensivelmente fardados, completam a excelente impressão que o viajante tem ao entrar no primeiro edificio de Madrid.

Paris, Fevereiro—1919

GUERRA MAIO.

IMPRESSÕES DE PORTUGAL

APRECIÇÃO D'UM JORNALISTA INGLEZ



POR um muito convite atencioso da Sociedade Propaganda de Portugal, veiu ha tempo, a Lisboa, um grupo de jornalistas inglezes, que se pemoram algum tempo na nossa capital; o qual se dividiu depois, indo uma parte visitar o Porto e o norte do Paiz, tendo seguido os restantes membros d'essa missão em viagem pelo sul, até ao Algarve.

E' sobre esta ultima digressão que publicamos a seguir as

PORTIMÃO—Praia da Rocha
—Passagem dos Molros

interessantes impressões colhidas pelos jornalistas inglezes e que foram dadas á estampa nas columnas

do importante jornal «The Mansfield Advertiser.»

O sul soalheiro

«Os nossos hospedeiros determinam que não havíamos de ver só as preciosas arquitecturas e cidades importantes do norte e centro de Portugal, mas que nos havíamos de banhar no tédipio sol do sul do paiz.

Um comboio especial deixou-nos em Portimão, ás 7 horas da manhã. Depois de um optimo almoço no Hotel Viola, começámos a gosar o delicioso panorama da praia e dos rochedos, e a sentirmos que o inverno estava ido e que a Natureza estava preparada para receber os passaros, as flôres e a alegria. As andorinhas tinham voltado e estavam gosando o bom clima.

Portimão é uma cidade muito antiga, um importante porto de pesca, e tem algumas fabricas. Fica a dois kilometros afastada da Praia da Rocha, que é um lindo retiro para verão e mesmo para inverno, pois alem de gozar d'um clima sem rival, tem pitorescos panoramas.

A excursão a Monchique foi muito interessante. A Vila é celebre pelas suas aguas mineraes, e está lindamente situada no lado da serra. A proposito, direi que estas serras são optimos lugares para criar porcos. Vimos centos d'elles saudáveis e sempre brincando. Outro facto: No norte, o principal animal de tracção é o boi; no sul é a mula.

Um sonho de beleza

Tivemos uma recepção admiravel em Lagos, lanchando no terraço do Hotel.

O sol estava quente, sendo necessario armar toldos.

Tenho uma pequena nota no meu livro que diz: «24 de fevereiro ás 2 horas da tarde, o telhado do terraço é composto de chapéus de sol e andorinhas.» A bahia de Lagos é um sonho de beleza. Se o lugar fosse mais conhecido, Lagos seria um dos mais favoritos, assim como é um dos mais deliciosos retiros da Europa. A Sociedade Propaganda reconhece estas possibilidades, empenhando-se em construir ali um Hotel-Palace.

Voltando a Portimão, para jantar, servimos de curioso interesse a muita gente da terra, que, formando uma li-

inha, passava constantemente pela frente do hotel.

Na manhã seguinte fomos a Jara, onde tivemos o mais entusiastico dos acolhimentos. As ruas estavam ornamentadas todas, e em diversos lugares havia letreiros com a palavra «Bemvidos» escrita em grandes letras. Visitámos uma fabrica de conserva em sardinhas. A grande industria de Portimão, Lagos e Faro são as sardinhas de latas e outro peixe pequeno, mas tambem se faz um grande negocio na exportação de figos, uvas e amendoas. Passámos por imensas áreas de terreno cheias de figueiras.

Uma interessante particularidade do sul são as florestas de sobreiros.

As flôres que nos atiraram tinham enchido «Covent Garden». Não con-



Um aspecto da Praia da Rocha

tentes com as flôres, em Faro tambem nos deram poemas feitos e impressos de proposito para a nossa visita. Tenho um defronte de mim enquanto escrevo, mas é o mesmo que ser hebraico, porque não percebo absolutamente nada do que n'ele se acha escripto.

A ultima noite

Visitámos umas admiráveis ruinas romanas, e em seguida, fomos jantar a Olhão. Mais fogo de vista e saudações, e esta foi a ultima noite em Portugal. Os copos de vinhos despejavam-se com muita facilidade. Toda a gente se sentiu feliz, e a velha cidade mourisca de Olhão écoava ao som do «And Lang Syne». Depois cantámos «The jolly good fellows».

A ultima noite que passámos em Portugal será sempre alegre e agradavelmente recordada, tanto pelos hospedeiros portuguezes como pelos hospedes inglezes.

Eu gosto de Portugal e tambem dos habitantes, e encontrei n'esta excursão homens patriotas que se põem ao lado do seu paiz, primeiro que da politica ou dos partidos; homens que firam aos seus meios particulares uma grande parte do seu modesto rendi-

mento para estabelecimentos de educação para os pobres.

A Sociedade Propaganda, de cujos hospedes fomos, é composta de uns sete mil socios, tendo espalhadas ramificações por todo o paiz, contando com alguns homens de grande valor intelectual, cuja unica ideia é ajudar a sua patria a progredir. Eles sabem que possuem um paiz sem igual, e querem fazer com que outros o saibam tambem, que o visitem e que se sintam confortáveis durante essa visita».

.....
E'-nos muito agradável registrar estas boas impressões, que, sendo justas, traduzem, ao mesmo tempo, uma sympathia pelo nosso Paiz.

A idéa d'essa visita, levada á pratica com os melhores resultados, foi mais um patriótico serviço prestado pela benemerita Sociedade de Propaganda; e oxalá ela tome a iniciativa de proporcionar outras em identicas condições, porque elas constituem uma das melhores formas de propaganda.

Como, certamente, dentro em pouco, a nossa propaganda ha de ter por especial campo d'ação a America do Sul, será da maior conveniencia que se proporcione, aos correspondentes dos jornaes sul-americanos, uma minuciosa visita a Portugal, mostrando-se-lhe tudo quanto temos de bom, de bonito e de proveitoso, para que eles, a seguir, como é de supôr, façam na sua imprensa, sob os mais coloridos e atrahentes termos, a descripção d'essa visita, que servirá de poderoso auxilio e preparará o terreno para essa propaganda, e facilitando os resultados que d'ela ha a esperar.

Aqui deixamos exposto o alvitre, e muito grato nos será constatar o seu aproveitamento.

GUERRA MAIO

CHEGOU já a Paris, tendo assumido o cargo para que foi nomeado de director do «Bureau de Renseignements» que a Sociedade de Propaganda de Portugal instalou n'aquella cidade, o nosso muito querido amigo sr. Guerra Maio, redactor principal d'esta Revista.

Guerra Maio, depois de partir de Lisboa, dirigiu-se a Madrid, onde se demorou alguns dias, tendo d'ali seguido para a grande capital da França.

Conforme prometeu, o nosso illustre redactor principal continuará ali a sua assidua colaboração n'esta Revista, enviando pontualmente, alem d'alguns artigos de interesse para a industria do Turismo em Portugal, as suas apreciáveis chronicas, de que hoje damos já a primeira.

ARTE E LITERATURA

ORFEON DE COIMBRA

PALAVRAS DITAS POR AFFONSO LOPES VIEIRA
NO CONCERTO DE S. CARLOS.

Minhas senhoras, meus senhores:

Os estudantes do Orpheon Academico de Coimbra, ao realizarem em Lisboa o seu primeiro concerto, quizeram dar-me a honra de me escolher para seu arauto; e a minha missão, que é ao mesmo tempo simples e grandiosa, desempenha-se em muito poucas palavras. Ela consiste em recordar ao publico de Lisboa como é patriótica e bela a instituição do Orpheon Academico, e em afirmar, em nome de todos nós, como nos enche de alegria a presença dos estudantes coimbrões.

Obra de beleza — ele proprio, o Orpheon apenas canta para criar beleza. E é assim que o producto d'esses concertos — alem da parte que será entregue á obra dos mutilados da guerra — se destina a levantar em Coimbra um dos mais formosos e poeticos padrões com que Portugal poderia ser dotado: — o busto de Camões escolar, abrindo os seus olhos para o Mondego das «doces e claras aguas» que ele cantou, n'um monumento que será erguido no Jardim Botânico, e em que o Poeta ali virá a ficar como o contemporaneo immortale de todas as gerações!

N'este palco vêsse agora, alta e gentilissima, a flor da mocidade portugueza; é no coração da mocidade portugueza, é na palpitação anciosa da sua alma, que existe, mais forte que em nenhum outro coração e mais belo que em nenhuma outra alma — o amor sagrado da Patria, no culto consciente do espirito da nossa Raça.

N'esta hora tão dolorosa e temerosa que atravessamos, e em que os nossos destinos se jogam tambem nos campos de batalha, em lucta com o Monstro do Norte, o atroz invasor das Patrias; — n'esta hora tremenda e magnifica; é no coração da mocidade portugueza que demora a fé heroica e a aspiração messianica do *Encoberto*, — quer dizer: — d'aquelle principio de Esperança invencivel e eterna que atravez da nossa Historia de epopeia, de dôr ou decadencia, jámais deixou de iluminar e fortalecer as almas, e jámais tambem deixou de fielmente voltar na sua manhã de nevoa mysteriosa, para nos dispensar a graça das victórias! N'este palco está a flor dessa mocidade de Portugal, vinda da cidade mais rica e mais nobre da

Tradição lusa: — Coimbra! Nome sagrado pela longa benção dos seculos, aureolado pelo encanto da mais admiravel Poesia, este nome em si condensa uma das melhores partes da alma da Nação, e, ac som das suas syllabas musicas, nós invocamos todo um passado de nobre cultura, de intenso, fino e languido lirismo, e, enquadrada na casaria do burgo vetusto, emoldurada por sua vez na mais subtil e nostalgica paisagem, invocamos a sua juventude sempre renascente.

Escolares da Universidade de Coimbra, estes são os moços cavaleiros-cantores que elevam agora em Lisboa as suas vozes reunidas n'uma grande voz de confraria espiritual, que sucede e prolonga a tradição da que Antonio Joyce dirigiu. Na epoca em que vivemos, de reconstrução activa e de renovação tradicional, não seriam já as

tunas academicas, com o seu espirito dispersivo e pitoresco, que poderiam corresponder ás aspirações d'esse novo espirito tradicionalista e, portanto, renovador.

Para esse fim, nenhuma corporação como esta — um Orpheon, palavra que logo sugere o mais forte espirito de unidade, órgão de vozes congregate na mesma colectiva harmonia, instrumento de almas e de laringes nordeadas para a mesma polar aspiração, maravilhoso acorde de arte e de amor, elevando as suas azas abertas n'um vôo de beleza e de concordia!

Tudo isto é um Orpheon; e quando como este, ele é composto por estudantes portuguezes, a sua expressão atinge tambem a mais alta beleza patriótica, porque o que nós desejamos é em verdade converter Portugal n'um orpheon de consciencias nacionaes. Minhas senhoras e meus senhores: saudemos na mocidade coimbrã a mocidade portugueza; saudemos no Orpheon a esperança immortale da Patria e como nós queremos: — portugueza e bela. E que os sorrisos das Senhoras sejam aquele alto e unico digno premio a conferir a esta Ala de Namorados!

NO PAIZ DOS FOLIÕES

CARNAVAL

HA tres dias no anno, nos quaes a humanidade me causa uma verdadeira compaixão, mesmo tristeza; são os chamados dias de *Carnaval*. Nunca pude aturar tal época e mesmo nos meus tempos de estudante, em que a nossa mocidade vibra de intensidade, sempre a detestei pelo seu aspecto ordinario, reles, estúpido e grosseiro. São tres dias em que todos pensam que têm o direito a praticar as maiores loucuras e a offender seja quem fôr, velho, novo, mulher ou creança.

Acho que todo o divertimento que não seja colorido de beleza, perde toda a sua fascinação e encanto.

O tal *carnaval civilisado*, que foi defendido por alguns ingenuos apostolos, em muitos jornaes da nossa capital, nunca passou de uma simples phantasia de palavras e de ideias; e não admira, pois para que tenhamos um *carnaval elegante*, fino e deslumbrante, *civilisado*, torna-se necessario educar o nosso povo sob varios aspectos, e todos nós sabemos como ele pensa em assumptos que se ligam ao Bello, e qual o abysmo anti-artístico para onde caminha.

N'este meio social, um *carnaval civilisado*, nunca o poderemos ter, e a verdade do que affirmo está-se vendo todos os annos, cuja decadencia é manifesta. Lá fora bisnagam senhoras dizendo frases amaveis; aqui roubam-lhes colares de perolas, como aconteceu este anno, segundo li no *Diario de Noticias*.

Não tenham illusões, — *carnaval elegante*, educado, não é para a nossa actual sociedade, porque não possui qualidades estheticas para tal. Ora como vivemos n'um paiz, em que aparecem mil decretos por dia, alvitro que qualquer governo tenha a coragem de banir o *carnaval* para sempre, e que jamais ele venha incomodarnos com a sua feição e aspecto de fealdade.

5 de março de 1919

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

TINHAMOS, justamente, pensado em dedicar uma duzia de linhas a esta breve época do anno que acabou de passar, para apreciarmos os seus efeitos sob o aspecto da critica impar-

cial d'uma pessoa que, como nós, muito foliamos em outros tempos. Porém, a pena auctorisada do ilustre homem de letras que subscreve o artigo anterior, veio substituir a nossa. Isso nos consola duplamente, porque, além de proporcionarmos aos nossos leitores o prazer d'uma brilhante critica, constatamos lisongeiramente que *les beaux esprits se rencontrent*...

Simplemente, se nos perdõe a... imoestia.

Aproveitando, porem, o ensejo de fazermos esta referencia, abalançamos a dar uma pequena expansão ás nossas ideias, tanto mais que o alvitre sugerido pelo nosso brilhante confrade, merece o nosso apoio condicional. Somos, tambem, de opinião que o carnaval, tal como so nos apresentou este ano, feio, inesthetico, estúpido, enervante, ordinario emfim, deve ser banido por decoro publico; mas se se decretar que ele venha a ser interessante quer sob o aspecto do divertimento, quer sob o aspecto social, quer ainda, sob o aspecto artistico, de forma a apresentar um conjunto atrahente verdadeiramente civilisado, então a nossa opinião é que ele se repita por longos e dilatados anos.

Porque — estamos d'isso certos — se se conseguir elevar o Rei Carnaval á altura da sua natural posição, em face do mundo civilisado, rodeando de delicadas *pierrettes* e de amáveis *pierrrots*, em vez de estúpidos e ordinarios *chéchés*; se se lhe proporcionar um ambiente perfumado com estonteantes odores, em lugar do mau cheiro que pestilencialmente o tem envolvido; se, tambem, se organizar um cortejo todo brilho, todo arte, todo compostura, onde a alegria sugestiva se expanda livre, mas decentemente; e se ao mesmo tempo, se puzer um bemfazejo termo ás indecencias, ás brutalidades — diremos mesmo — ás selvagerias que caracterisaram a epoca que findou, o carnaval, aureolado com as pompas da mais requintada civilização, tornar-se-ha o mais querido e o mais desejado dos symbols, e o seu fausto, a sua grandeza e a sua graciosa magestade farão elevar a mentalidade popular até o nivel da sua civilização. E assim, a epoca do seu ephemero reinado, proporcionando beneficios economicos muito apreciaveis, permitirá simultaneamente a liberdade decorosa aos espiritos mais ou menos oprimidos durante, ás vezes, interminaveis anos...

— Oh! os amorosos que o digam...

E que satisfação não sentiriamos nós todos podendo dizer que o carnaval na nossa terra era uma epoca bela, divertida, atrahente, em que o espirito folião podia expandir-se e se

comprazia sem ofender os que só cuidam nas sutilezas da arte ou nas exigencias da compostura? E estes, não teriam, egualmente, motivos para a sua critica, na organização d'um cortejo triumphal, na composição d'uma obra symbolica ou na exhibição d'uma qualquer alegoria?

Ora, um carnaval assim, suportavel pela limpeza, atrahente pela amabilidade alegre pelo pitoresco e que outras condições lhe dessem um conjunto agradavel e divertido e de delicada fraternidade, podia não só entusiasmar vibrantemente os nacionaes, mas inclusivamente convidar os estrangeiros a virem gozal-o, o que representaria, além d'uma superior vantagem para a economia publica, um titulo de elevada cultura social que muito lisongeiro seria para o nosso Paiz.

Poder-se-ha um dia disfructar d'um

semelhante carnaval n'esta linda cidade de marmore e granito á beira-Tejo plantado?

E' possivel, se os homens que directamente teem sobre si a responsabilidade de elevarem a mentalidade e o nivel moral deste povo, se dignarem sahir do simples e comodo campo da critica e fizerem sentir a sua ação na esphera da pratica a que, como patriotas que devem ser, moralmente são obrigados. Se, porem, esses nossos mentores persistirem em, cada vez mais, se aconchegarem aos seus acomodaticios logares, então, damos o nosso mais incondicional apoio á medida alvitrada por Alfredo Pinto (Sacavem): Abolição pura e simples do Carnaval.

... E, adeus ó *chéchés*.

MARIO DE MONTALVÃO.

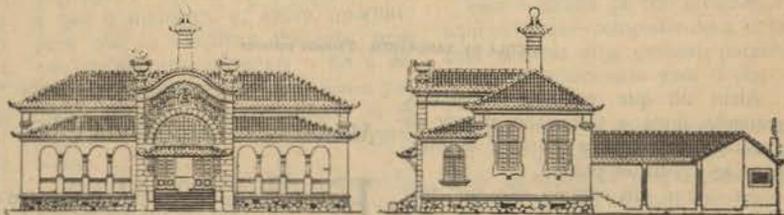
Arquitectura portugueza

AS ESCOLAS PRIMARIAS DE AVELÂS DE CIMA E DE SANGALHOS.

CONFORME a orientação seguida desde a fundação d'esta Revista, que é pugnar por tudo quanto é nacional e honrar os que a tal empenho se dedicam, publicamos hoje os desenhos de duas escolas, cujo autor, o distincto architecto, sr. Cipriano Rodrigues Maia, procurou dar a feição portugueza, bem interessante, como os

o gôsto por tudo quanto é nacional, tanto mais que, como no caso em questão, o que é portuguez sobreleva, em muito, a maior parte do que vimos do estrangeiro.

Evita-se assim, talvez, que a creança se vá costumando a despezar o que é nacional, como se vê muito nos adultos, visto que logo no principio



ESCOLA DE AVELÂS DE CIMA—Fachada principal e Fachada lateral

nossos leitores terão ocasião de vêr.

Se, em todas as construções do nosso paiz, desde a mais suntuosa á mais modesta, é prova de patriotismo e bom gosto, dar-lhe as caracteristicas da «casa portugueza», nas Escolas, mais do que em nenhuns outros edificios, essa estilisação deve ser empregada, pois que, frequentadas pelos que, com as primeiras letras, vão tendo a noção da nacionalidade, bom é incutir-lhes, desde os primeiros anos,

da vida se compraz em vêr a casa da sua escola, que mais frequenta a não ser a sua, quando mesmo seja um pardiêro, mas sem o mau gôsto da arquitectura estrangeira.

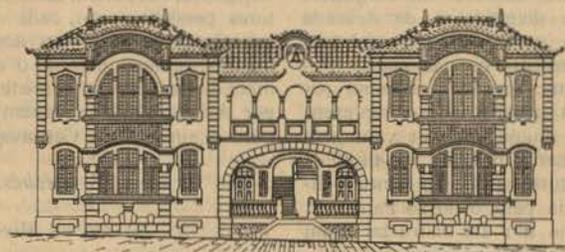
Em Portugal tem-se gasto bastante dinheiro em escolas primarias, sem gôsto, mal construidas e sem as condições hygienicas mais elementares, e, assim, n'elas se tem ido instruindo a mocidade, em que desde os mais tenros anos, se lhe incute o mau gosto

no espirito e o desprezo pela hygiene, visto que não se lhe mostram praticamente as suas vantagens.

A escola de Avelãs de Cima é iniciativa do architecto, sr. Rodrigues Maia, o qual fazendo parte da Junta de Paroquia d'aquella linda povoação, resolveu, com os seus colegas da mesma Junta, construir um edificio escolar duplo, para substituir um ca-

plicidade e bom gosto. Está sendo construido na sede da freguezia da mesma denominação, que é uma das mais lindas povoações da ridente Bairrada, por iniciativa de outro benemerito, o proprietario, sr. Antonio Fernandes Urbano, e outras pessoas que prometem auxiliar tão digno e inadiavel melhoramento.

São, sem contestação, dos melhores

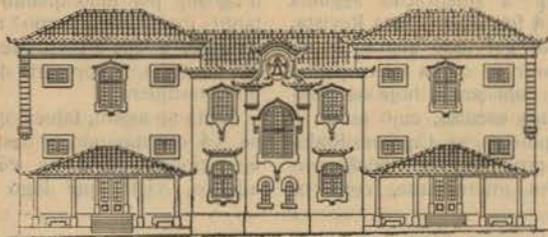


ESCOLA DE SANGALHOS—Fachada principal

sarão anti-hygienico em que tem funcionado as aulas na sede da freguezia. A comissão da mesma, pretende construir o belo edificio no sitio mais central da sede da freguezia e isolado das habitações da povoação por um jardim ou parque, para recreio das creanças.

projectos de escolas que temos visto, e que prova o talento, patriotismo e bom gosto artistico do seu auctor, ao qual são devidos todos os encomios, por concorrer por sua parte para nacionalisar a «casa portugueza.»

N. C.



ESCOLA DE SANGALHOS—Fachada posterior

Alem do que está já projectado, pretende ainda a Comissão anexar ao mesmo edificio uma Cantina escolar, para as creanças pobres.

As obras do edificio vão ser dirigidas pelo benemerito auctor do projecto, que mais uma vez vai provar a sua muita competencia e dedicação ás coisas da sua terra.

Do projecto nada temos a dizer, senão que ele é o mais completo e bem disposto, elegante na sua simplicidade, como convem a este genero de edificios, nada deixando a desejar sob qualquer ponto de vista que se encare.

A outra escola, de Sangalhos, nada fica a dever á de Avelãs de Cima, em beleza, elegancia e conforto.

E' perfeitamente o typo portuguez no que ele tem de mais ingenua sim-

«Respigando no passado»

DEVE ser posto á venda muito em breve este novo livro, do nosso muito estimado e distincto colaborador Alfredo Pinto (Sacavem), composto de varios estudos inéditos d'arte e de historia. Este novo trabalho do nosso querido amigo é editado pela Livraria Ferin.

RENOVAÇÃO DAS ASSIGNATURAS

Tendo terminado um periodo das assignaturas da Revista de Turismo, solicitamos dos nossos muito estimaveis assignantes, a fim de nos evitarem maiores despesas de cobrança — já bastante onerosa actualmente, a extrema fineza de pagarem logo que lhes sejam apresentados, os recibos respectivos que vamos mandar cobrar por intermedio do correio; se não preferirem antecipar esse pagamento, enviando-nos em vale postal a importancia correspondente, que é de \$70 por um semestre e de 1\$40 por um ano.

Confiamos no bom acolhimento que o nosso pedido encontrará por parte dos amigos da Revista de Turismo, á qual d'esta forma prestam um concurso de inestimavel valor; e assim expressamos aqui os nossos reconhecidos agradecimentos.

□ □ □

Na nossa administração, Largo Bordalo Pinheiro, 28, se encontram á disposição dos srs. assignantes capas artisticas para encadernar o 1.º e 2.º anos da **Revista de Turismo**, que vendemos ao preço de 1\$20, cada uma, sendo o pagamento adeantado.

Todo aquele que se interessar pela manutenção da «REVISTA DE TURISMO», deve dar-lhe o seu concurso, angariando-lhe assinantes e fazendo-lhe comunicações que interessassem ao seu fim especial.

MARIO DE MONTALVÃO

ESTE nosso muito prezado amigo e antigo colaborador volta de novo a prestar-nos o seu valiosissimo concurso, pondo ao serviço da «Revista de Turismo» as seductoras manifestações do seu scintilante espirito.

E' com a maior satisfação que damos esta agradavel noticia, que, certo, será acolhida com entusiasmo pelos inumeros admiradores da proza com que brilhantemente engalanou já as columnas d'esta Revista.

Anunciam-se gratuitamente n'esta Revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do Paiz.

BREVEMENTE

A APARECER Á VENDA:

“Cantares,”

VERSOS DO POETA

ANTONIO BOTTO

MUSICAS DE

NICOLAU D'ALBUQUERQUE

ILUSTRAÇÕES DO PINTOR

ANTONIO CARNEIRO